

Movimento
Marxista
M5 de Maio


M a n i f e s t o

*A revolução
dos trabalhadores
será obra dos próprios
trabalhadores.*

Em 1848 Marx e Engels publicaram o *Manifesto do Partido Comunista* como membros e dirigentes do movimento comunista alemão e internacional de então. Naquele texto histórico, os fundadores do marxismo operaram uma longa análise dos antecedentes históricos e da realidade concreta do capitalismo, estabelecendo ao final o chamamento a que todos os proletários do mundo se unissem em torno dos ideais da revolução socialista e da luta geral pelo comunismo. Na introdução, Marx e Engels apontavam para a iminência de uma onda revolucionária no continente europeu, na qual era dada ao proletariado a possibilidade de jogar por terra a exploração e a opressão. A revolução socialista entrava historicamente na ordem do dia das lutas de classe. Para a concretização da revolução, no entanto, era necessária a existência de um partido próprio do proletariado, que, armado da teoria revolucionária e temperado no fogo das lutas de classe, fosse capaz de liderar este proletariado na luta pelo poder. Era preciso, enfim, fundar um partido comunista. O Manifesto constituiu a convocação para a construção deste partido. De lá para cá, em nível mundial, foram tão duras quanto muitas e diversas as lutas em que o proletariado se empenhou pela derrubada direta da sociedade capitalista e sua substituição pela sociedade socialista. De maior relevância no quadro geral da história são as vitórias das revoluções russa (1917), chinesa (1949), cubana (1959) e vietnamita (1975). E também relevantes naquilo que ensinaram as derrotas sofridas pelo proletariado na Comuna de Paris em 1871, no levante revolucionário alemão de 1919, na Hungria (1921), na Indonésia em 1965, no Chile em 1971 e – a maior de todas – na der-

rota imposta pelo capitalismo ao socialismo real, sintetizada na destruição da União Soviética, em 1991. Nos anos que se seguiram à publicação do *Manifesto*, Marx e Engels aprofundaram de maneira tão sólida quanto definitiva os fundamentos teóricos, metodológicos e práticos de sua teoria e de sua intervenção nas lutas de classe, legando ao proletariado mundial um arsenal de conhecimentos absolutamente insubstituível na luta contra a burguesia. De toda a portentosa obra deixada pelos fundadores do marxismo, talvez seja possível destacar: *A Ideologia Alemã*; *A Miséria da Filosofia*; *Manifesto*; *Mensagem do Comitê Central à Liga dos Comunistas*; *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*; *Prefácio da Introdução à Crítica da Economia Política*; *Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico*; *O Capital*; e *Crítica ao Programa de Gotha*. *Acrescidas as obras igualmente fundamentais de Lênin – entre as quais Que Fazer*; *Duas Táticas*; *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás*; *Imperialismo, fase superior do capitalismo*; *O Estado e a Revolução*; e *Programa Militar da Revolução Proletária* —, pode-se dizer que se encontra no essencial destas obras revolucionárias o que poderíamos qualificar de eixo da ortodoxia do pensamento e da ação marxista.

Desgraçadamente, as vitórias da burguesia sobre o proletariado não se resumiram em todo este período aos campos da economia, da política e da guerra. Também, e tão gravemente no terreno da ideologia e da teoria, a burguesia logrou importantíssimas vitórias. A maior delas, a mais grave e a mais destruidora, foi a descaracterização do marxismo pelo abandono daquela ortodoxia por parte das próprias forças de esquerda. É

importante, decisivo mesmo, computar como vitória da classe capitalista no campo teórico-ideológico os desvios operados pela esquerda em relação à ortodoxia marxista, já que tais desvios foram resultados de ataques e pressões diretas ou indiretas da burguesia e de seu segmento pequeno-burguês. Assim foram e são o reformismo, o aventureirismo foquista, o idealismo maoísta. Não se questionam aqui a sinceridade de propósitos e mesmo o espírito heroico dos integrantes destas correntes na defesa dos interesses históricos do proletariado – inúmeras vezes pagando o preço da própria vida. Até mesmo o trotskismo, aberta e declaradamente contrário aos princípios marxistas fundamentais enquanto formulados por Marx, Engels e Lênin, poderia em alguns casos ser incluído no campo geral das boas intenções. O que podemos garantir é que as ideias políticas e teóricas que moveram e movem estes campos não eram e não são marxistas. Ideias políticas e teóricas alheias e contrárias aos princípios do materialismo dialético e histórico formulados com iguais profundidade e clareza nas obras acima relacionadas. A rigor, não se pode hoje identificar onde quer que seja, nacional ou internacionalmente, um partido político marxista quantitativa e qualitativamente capaz de ostentar o nome de partido marxista do proletariado. O que há são agrupamentos pequenos e isolados que, embora comprometidos com a busca do marxismo ortodoxo como guia de uma ação revolucionária, lutam pela própria sobrevivência enquanto força política, distantes ainda do ideal de liderar segmentos decisivos do proletariado. De outro lado, o que vemos são organizações maiores, outras menores, umas denominadas partidos, outras não, que de todo modo trafegam nos descaminhos do antimarxismo,

mesmo pretendendo-se e autoproclamando-se marxistas. Que se repita e se enfatize: a inexistência de partidos marxistas testemunha hoje a maior vitória da burguesia sobre o proletariado desde a publicação do Manifesto. E tal dramática realidade configura uma situação de inferioridade estratégica do proletariado frente à burguesia. É portanto tarefa estratégica – ou seja, que colocará o proletariado em patamar superior frente à burguesia – a construção do partido marxista do proletariado, imediatamente ou no futuro, a depender da conjuntura das lutas de classe em cada país. No Brasil atual, na ausência de uma conjuntura de lutas políticas diretas do proletariado contra a burguesia, o momento é de preparação, de acumulação de forças para, no momento próprio, erguermos este partido. Por isso, nos organizamos hoje em um movimento, não ainda naquele partido que necessariamente congregará o proletariado ou segmentos decisivos do mesmo. Conhecido, e historicamente provado e comprovado, o princípio formulado por Marx e adotado rigorosamente por Lênin como ponto de partida de toda sua ação política, de que sem teoria revolucionária não há prática revolucionária. E a teoria revolucionária do nosso tempo é o marxismo leninismo – como rigorosamente formulado por Karl Marx, Friedrich Engels e Vladimir Lênin. Sem a necessidade de ‘atualizadores’ nem ‘intérpretes’. A teoria marxista ortodoxa. E é no objetivo inadiável de organizar uma corrente de esquerda fundada nesta ortodoxia marxista leninista que convocamos todos aqueles verdadeiramente comprometidos com a luta revolucionária do proletariado pelo socialismo, em direção ao objetivo maior de uma sociedade libertária, comunista, a se engajarem no Movimento Marxista 5 de Maio

(MM5), coesionados em torno dos fundamentos gerais da teoria e da prática marxistas.

I - Fundamentos gerais do Marxismo

■ 1 | A luta contemporânea entre proletariado e burguesia ocorre em todas as instâncias e instituições da sociedade capitalista: na economia, na cultura e na política, tomada esta em sua expressão específica de ações sociais relacionadas direta e indiretamente ao poder estatal. Para nós marxistas o ponto de vista do proletariado se materializa na luta pela sociedade comunista, tomado o socialismo, em que persiste ainda uma sociedade de classes, mesmo que dirigida pelo proletariado, como transição histórica necessária e fundamentalmente encarregada de extinguir a pequena propriedade e a diferença entre trabalho manual e intelectual, extinção esta que é condição fundante de uma sociedade sem classes, igualitária. Os marxistas, portanto, temos no comunismo o parâmetro a partir do qual devemos construir linhas de ação na luta revolucionária. É preciso arrancar alegrias ao futuro, como ensinou o poeta, mas hoje mais que nunca é preciso termos presente ser igualmente preciso arrancar estratégias e táticas, vontades, posturas e ações ao futuro. Sem isto, nossa militância vai inelutavelmente descambar para o imediatismo e para o espontaneísmo. E o imediato e o espontâneo são sempre burgueses, na exata medida da asserção marxista de serem dominantes as ideias da classe dominante. Se a classe dominante na sociedade capitalista é a classe burguesa, as ideias imediatas e espontâneas que brotam desta sociedade são necessariamente burguesas. Daí, a necessidade da

crítica e da mediação marxistas. Vem daí todo o esforço da burguesia mundial, esforço que pode ser facilmente medido pelos bilhões de dólares empregados na tarefa de desqualificar o ideal marxista e tudo o que ele significa e simboliza na teoria e na prática. Daí, em contrapartida, a necessidade de um redobrado esforço de parte dos marxistas em buscar o resgate do ideal comunista e de sua palavra, daí a necessidade de concretizar o marxismo em nossa vida cotidiana: na política e na ideologia, no trabalho, na fábrica, nas ruas, no sindicato, em casa.

■ 2 | Açoitado pela crise de reprodutibilidade desencadeada pela abrupta elevação dos preços do petróleo em meados dos anos 70 do século passado, o capitalismo decidiu que era o momento de abandonar o modelo keynesiano do estado de bem-estar dos trinta anos anteriores e partir de vez para as receitas neoliberais cuidadosamente elaboradas, entre outros ideólogos do sistema, por Karl Popper, Milton Friedman e Friedrich Hayek ao final da II Guerra Mundial. Em síntese, o neoliberalismo – experimentado inicialmente no Chile pinocheteano ainda nos anos 70 e solidificado enquanto linha geral do capitalismo na Inglaterra tatchereana e nos Estados Unidos reaganiano no alvorecer dos anos 80 – não passa de uma estratégia de reprodução do capital em que o estado capitalista se desresponsabiliza de forma estrutural e sistêmica pelo bem-estar mínimo dos trabalhadores, significando isso: menos impostos para a burguesia, precarização/desregulamentação das relações de trabalho, sucateamento da assistência e da previdência social. Ao estado, chamado mínimo, resta o papel estratégico de garantidor político, econômico e militar da propriedade privada.

■ 3 | E o estado capitalista neoliberal tem cumprido bem seu papel de raivoso guarda-noturno do sistema de norte a sul, de leste a oeste, no mundo e no Brasil, de Reagan a Obama e Biden, de Thatcher a Boris Johnson, de Sarney a Bolsonaro, passando por FHC e Lula-Dilma. Das duas ofensivas assassinas contra o Iraque efetivadas pelos Bush às ações genocidas levadas a efeito pelo estado títere, racista, de Israel contra os palestinos. Das centenas de assassinatos cometidos contra camponeses pelo país durante o governo Fernando Henrique ao assassinato de trabalhadores pelas polícias de todo o país. Não se pode afirmar de bom senso não ter dado os frutos esperados a estratégia neoliberal. Nos cerca de quarenta anos que transcorreram de 1980 a 2022, o capital, descontadas crises localizadas controladas em espaço relativamente curto de tempo, acumulou lucros e mais lucros. Forma-se a União Europeia, o euro foi um sucesso, os Estados Unidos recuperaram com Bill Clinton o seu ritmo histórico de crescimento, emergiram os Brics, todos eles com taxas inusitadas de avanço dos respectivos PIBs. É fato que a grande crise do capital financeiro mundial que estourou na Europa e Estados Unidos em 2008 não foi superada e está na origem da atual crise que assola as economias de todo o mundo. Mas precisamos ter claro, muito claro, que sem a organização política independente dos trabalhadores, sem a presença de um partido marxista dos trabalhadores, a estes, no final das contas, no máximo sobrarão migalhas. Ao proletariado mundial como um todo, a fome. Mas nem tudo teriam sido flores para o capitalismo no período se esta renovada política do Big Stick não tivesse sido muitíssimo bem acompanhada por uma oceânica ação no campo ideológico. Não se resume às

armas, sabemos, a garantia da propriedade, do capital, embora também saibamos serem elas elemento estratégico para cujo âmbito correm as lutas de classes em seus momentos de maior agudização. A ideologia tem poder insubstituível e indispensável em todas as formas de dominação de classe conhecidas pela história.

■ 4 | É neste quadro que se insere o chamado pós-modernismo. Que fique claro desde o início: o pós-modernismo não é outra coisa senão a expressão ideológica do neoliberalismo. Decomposto em seus termos políticos, culturais, estéticos e filosóficos, identificam-se em cada um destes campos as marcas indisfarçáveis do conservadorismo, do individualismo, do consumismo, do imediatismo e do hedonismo tipificadores do conteúdo ideológico do capitalismo do nosso tempo. O hipotético ‘fim das grandes narrativas’, na linguagem dissimulada dos mestres burgueses da academia francesa, nada mais é que a denúncia vazia do igualmente hipotético fim da história, este decretado de forma descarada pelo acadêmico norte-americano Francis Fukuyama. Franceses ou norte-americanos, estão todos estes serviços da burguesia a alardear que o bom mesmo é o capitalismo, que o marxismo, o socialismo e o comunismo são inviabilidades históricas. No limite, descartam a própria hipótese da felicidade. A opção, asseguram, é chafurdar na lama do hedonismo. São bastante conhecidos, porém pouco denunciados enquanto tais, os aparatos ideológicos colocados no limite de seu funcionamento pela burguesia nesta sua guerra santa contra o ideal igualitário marxista. Um sistema de ensino estruturado desde os estágios fundamentais na linha da forma-

ção de homens e mulheres alienados, egoístas, individualistas, possuidores da única preocupação de compor uma massa mundial de consumidores. No melhor dos casos, este sistema universal de ensino mercantil e mercantilizado enfia-lhes goela abaixo a tal ‘consciência cidadã’, na realidade uma forma sofisticada de descompromisso social, cuja prática se limita ao âmbito das chamadas ações afirmativas e pautas identitárias – de fato, afirmativas deste sistema de exploração e miserabilização chamado capitalismo. Livre dos impostos que lhe cobrava o estado de bem-estar social vigente até meados dos anos 70, o empresariado vem destinando migalhas que, através deste mal do século chamado Organizações Não Governamentais, chegam como esmolas ao proletariado mundial, corrompendo-lhe o espírito e a consciência de classe. Que não fique nenhuma dúvida de que constitui o conjunto destas Ongs um braço forte do capital no interior do proletariado. E enquanto tal têm de ser combatidas pelo proletariado e seus verdadeiros aliados. Empenhadas estrategicamente em retirar do campo da consciência de classes interesses e reivindicações dos trabalhadores, estas organizações têm obtido grande e qualitativo sucesso no carregamento destes interesses e reivindicações para o lodaçal podre da cidadania, onde necessariamente impera a grande mentira da igualdade entre os exploradores e os explorados na sociedade capitalista. A academia está amplamente dominada pela lógica neoliberal, tanto na sua base de sustentação, quanto em sua estrutura, projetos e material humano. O caso do Brasil é dos mais graves. Descontadas algumas poucas ilhas de resistência, o que se vê são homens e mulheres absolutamente descompromissados com o seu semelhante, desprovidos de alma

e espírito, empenhados em suas tristes carreiras, preocupados em organizar maiores e melhores roteiros turísticos paralelos em suas intermináveis viagens ao exterior às custas do trabalho do proletariado. Obcecados pela ideia mesquinha do avanço pessoal, amontoam-se em grupos e mais grupos de carreiristas amorais em permanente busca de recursos e mais recursos junto à burguesia que melhor lhes sirvam à ambição.

■ **5** | Os meios de comunicação de massa – progressivamente monopolizados – sentem-se absolutamente à vontade para praticar seu esporte favorito: a mentira. Um dos segmentos mais lucrativos do capital, a mídia concretiza à perfeição o diagnóstico geral de pornografia e misticismo feito por Lênin para configurar a conjuntura geral das lutas de classes que precedeu a I Guerra Mundial – um quadro muito semelhante ao de hoje. As alegações de que as novas tecnologias acabam por retirar poder e lucro dos grandes grupos midiáticos não passam disso mesmo: alegações. Alegações mentirosas, infundadas, desmentidas por estatísticas amplamente conhecidas. Não veem aqueles que alardeiam tais especulações que as ideias e propostas de tuiteiros, facebookeiros e blogueiros em geral (há honrosas exceções, é claro) são ideias da classe dominante, da burguesia, a serviço da qual a grande mídia desempenha o indispensável papel de organizadora, sacralizadora e legitimadora ideológica. Aí vão beber os navegadores individuais das redes sociais.

É preciso ressaltar, é claro, que as novas plataformas da comunicação social são hoje elementos indiscutivelmente indispensáveis na luta revolucionária, principalmente na agitação e na propaganda. Mas elas não falam por si. Somente um fator

subjetivo revolucionário pode fazer uma utilização revolucionária das mesmas. Aliás, o tempo já demonstrou que a frase sexagenária do ideólogo canadense Marshal MacLuhan de que “o meio é a mensagem” não passou mesmo de uma frase de efeito. Apenas isso. A igreja católica está dominada, ampla e solidamente dominada, pela facção Opus Dei, direita da direita, fruto do trabalho muito bem articulado entre a CIA e o papa João Paulo II. Qualquer dúvida a respeito pode ser devidamente sanada com uma consulta ao livro *Sua Santidade João Paulo II*, do jornalista norte-americano Carl Bernstein em coautoria com o vaticanista italiano Marco Politti. É abertamente protofascista a ideologia professada pelo neopentecostalismo financeiro (Igreja Universal do Reino de Deus e similares maiores e menores), corrente religiosa capitaneada por vigaristas e espectralhões que avança com apetite pantagruélico sobre o prato do proletariado mundial, em cruzada criminosamente alienante. O islamismo – que conta com simpatizantes mesmo no interior da esquerda – não consegue ocultar na realidade do dia a dia o caráter profundamente conservador e reacionário de suas ideias e práticas. Que não se esqueça de que os grandes magnatas do petróleo do Oriente Médio têm na religião islâmica o fator de legitimação de seu poder escravizador sobre o proletariado daqueles países. Obviamente, parte daquela simpatia advém da solidariedade interesseira aos palestinos diante da política genocida contra eles praticada pelo estado títere de Israel – este, por sua vez, uma teocracia expansionista, cruel, assassina.

■ **6** | É contra todo este poderio político-ideológico do capital que precisamos reerguer a bandeira do marxismo. O ideal marxista e

a ideologia marxista. O programa marxista e a prática marxista na atuação nas lutas concretas do proletariado. E a palavra marxismo. No interior do amplo e complexo feixe das tarefas que desabam hoje sobre os nossos ombros está o desafio específico do reerguimento das próprias palavras comunista e marxista, com todas suas denotações e conotações agregadas pelos que nos precederam: seriedade, firmeza de princípios, embasamento científico, espírito libertário, compaixão pelos de baixo, solidariedade, crença na humanidade. Que fique claro desde o início: a recuperação da dimensão da palavra marxista tem que ser para nós – aqueles que nos consideramos rigorosamente marxistas – a recuperação de uma arma na luta concreta contra a burguesia e seu estado pela emancipação do proletariado e construção de uma sociedade livre, a sociedade comunista.

Não se trata de purismo linguístico de gosto acadêmico. São mais que conhecidas as reflexões fundantes de Lênin a respeito do lugar decisivo da propaganda (ao lado da agitação e da organização) na luta revolucionária, em especial na tarefa da construção de um partido revolucionário do proletariado, sem cuja existência – ensinou Lênin e comprova a História – fica igualmente excluída a possibilidade material da revolução proletária. E propaganda se faz com palavras, com muitas e precisas palavras. Jamais caminharemos em direção ao comunismo marxista se desde já não o colocamos como objetivo final, quer agora nesta fase de acumulação de forças em que vivemos, quer em um momento em que a criação deste partido se coloque como tarefa concreta e imediata. Tanto agora quanto no futuro esta propaganda só pode ser feita através de palavras. E as palavras fundamentais e estruturantes são marxismo e comunismo.

Se em momentos de recuo do proletariado no cenário das lutas de classe o objetivo final deve vir mediatizado na agitação e na organização, de forma indireta e não explícita, na propaganda o marxismo e o objetivo comunista têm que vir abertamente explicitados como fontes de formulação de estratégias e objetivos. E só há um meio de concretizar tal explicitação: através das palavras originais tais como formuladas na conceituação de Marx/Engels. Sem isso, fica o espaço aberto para a fatal infiltração da ideologia burguesa: cidadania, democracia etc. Sem isso, é inevitável a queda no abismo do imediatismo e do espontaneísmo próprios dos socialismos abstratos, de tal forma largos que passam a abrigar as fraudes burguesas acima citadas – como a história comprova fartamente. Se a palavra marxismo não exercer o papel de organizadora de nosso discurso, fatalmente o comunismo não será o organizador de nossa prática. E só o marxismo confere à palavra comunismo sua dimensão revolucionária, científica e histórica.

■ 7 | Do interior deste vocabulário libertário marxista é que preciso resgatar a palavra e a ação da utopia. Uma das frentes mais importantes abertas no cenário histórico contemporâneo pela burguesia foi a do combate à ideia da utopia. De origem renascentista, utopia denota a busca de um lugar qualitativamente diferente do atual, de um lugar que não este em que vivemos – enfim, de outra sociedade, de outra forma de os homens se organizarem e se relacionarem na produção da própria vida. A não ser que tomemos a palavra utopia no sentido tão genérico quanto desfigurante de sua origem histórica, é no marxismo que a mesma pode assumir a dimensão histórico-po-

lítica da era de seu surgimento na Renascença. Como se sabe, Thomas Moore falava fundamentalmente de uma sociedade livre e igualitária ao descrever, no ano de 1500, uma sociedade futura em sua obra *Utopia*. Uma sociedade que, guardando similitudes materiais no campo das forças produtivas com a nascente sociedade burguesa, vivenciava relações de produção igualitárias entre os homens, qualitativamente diferentes daquelas que já prevaleciam no capitalismo emergente e antagônicas a qualquer sociedade dividida em classes sociais – obviamente opressoras e exploradoras. A conhecida frase de Marx no Manifesto de que “Tudo que é sólido desmancha no ar”, em referência ao desabamento, com a ascensão da burguesia à condição de classe dominante, de toda uma série de valores ideológicos e credices que reificavam uma hipócrita e hipotética diferença essencial entre os homens, o que, por sua vez, legitimava todas as formas de dominação anteriores historicamente conhecidas – o escravagismo e a servidão feudal. É no Renascimento, pois, que é formalmente erguida a ideia da igualdade entre os homens. É também aí que surge e se legitima a hipótese – configurada enquanto direito fundamental nas próprias constituições burguesas que se construiriam a seguir – da felicidade na Terra. Objetivamente, a burguesia precisava de alguma maneira abrigar o novo ideário como condição de sua supremacia e dominação. Sabe-se, é claro, que, com a adoção da democracia como suposta materialização institucional do ideal libertário, a burguesia transformou o sonho renascentista da liberdade e da igualdade no fraudulento pesadelo democrático da igualdade perante a lei. A escravidão assalariada foi criminosamente alçada pelos potentes aparelhos ideológi-

cos do estado burguês à condição de liberdade, configurando esta manobra talvez a maior façanha ideológica perpetrada por uma classe dominante ao longo da história. Que não se esqueça, porém, de que nas tempestades das lutas de classe que desabaram no Renascimento e na transição absolutista o proletariado se fez presente tanto material quanto ideologicamente. De que nas revoluções burguesas da Inglaterra, França e Alemanha (1689, 1789 e 1870 respectivamente) o proletariado esteve presente e ativo, em busca de um sonho que então apenas se desenhava, o sonho da liberdade. Que o iluminismo tenha se encarregado de domesticar este ideal em favor da burguesia através da democracia já é outro problema, um grave problema que aponta para uma derrota de um proletariado emergente, desprovido da necessária bagagem econômica e político-ideológica para o enfrentamento frontal com a burguesia, uma burguesia que já acumulara forças processualmente desde os primeiros sinais de decadência do feudalismo, constituindo este acúmulo de forças burguesas o principal fator do começo do fim do sistema feudal.

■ **8** | A luta pela liberdade, pela sua libertação, continua pois na cabeceira das aspirações históricas do proletariado moderno. A burguesia tem provado durante os últimos cinco séculos sua incapacidade de instalar um sistema que efetivamente liberte os homens da opressão e da exploração. A razão desta incapacidade é desgraçadamente simples: a incompatibilidade estrutural entre capitalismo e liberdade. O capitalismo só sobrevive no cimento da desigualdade entre os homens, no altar sagrado da exploração de uns homens sobre os outros. Não se trata de a burguesia querer ou não querer que seja assim. É

assim. Objetivamente assim. Quando se falar liberdade efetivamente instalada, não mais se estará falando burguesia nem capitalismo. Nem mesmo proletariado. Estaremos falando em igualdade real, em liberdade real, em comunismo. Estaremos em um lugar em que não estamos agora, que não existe agora, em um “não lugar”, em uma utopia portanto. Para se chegar a este lugar, para construir este lugar, é preciso ter “a certeza na frente e a história na mão”, como cantou Geraldo Vandré. É preciso sonho, fé e ciência. É preciso ser marxista.

■ **9** | Está igual e exaustivamente provado pela história que todos os desvios trilhados pelo proletariado e seus representantes por caminhos paralelos ou desviantes das trilhas científicas propostas por Marx/Engels/Lênin conduziram e têm conduzido a derrotas deste proletariado. São múltiplas as razões históricas que conduziram à atual posição de grave inferioridade do marxismo enquanto instrumento de ação do proletariado. Todas elas, contudo, podem-se agrupar no campo das ações diretas e indiretas da burguesia e da pequena-burguesia. Afinal, a história é a história das lutas de classe. Todos os mistérios que levam a teoria ao misticismo encontram sua solução na prática – ensinaram Marx e Engels. E quando se fala em prática na avaliação de qualquer ciclo histórico está-se falando, para o marxismo, em lutas de classes.

Já no *Manifesto*, de 1848, Marx e Engels alertavam para os “socialismos” reacionários e inconsequentes. Este alerta permanece desgraçadamente atual. Ouve-se comumente da boca dos inimigos e adversários do marxismo a ladainha de que este estaria ultrapassado, século e meio ultrapassado. Ora, se tais

inimigos e adversários se dessem o trabalho – o que nunca vão fazer – de consultar o *Manifesto*, dariam-se conta de que o que pensam ser marxismo não ultrapassa os limites daqueles socialismos antiproletários que Marx e Engels ali combateram de forma dura e clara.

■ **10** | Mais que nunca, pois, é inadiável retomar a letra do marxismo. Pois é através do recurso à ortodoxia que poderemos adotar o discurso ideológico utópico do marxismo, fazendo dele arma de luta da libertação do proletariado. Precisamos nos dizer e nos fazermos marxistas. Não nos interessa a ideia vaga de um socialismo qualquer – porque este sempre foi, é e sempre será burguês ou pequeno-burguês, ou seja, sempre reacionário e conservador da sociedade capitalista. Nossa utopia somente será uma utopia de base científica, materialista, se concretizada por uma teoria e uma prática marxistas. Na luta ideológica do dia a dia de nossa militância, não podemos adotar posturas ditas bem comportadas diante de agressões ao marxismo e à sua herança. Firmeza e serenidade – marcas do comportamento do revolucionário marxista – não implicam bom mocismo e subserviência. Temos uma dignidade a impor e a defender. Se não nos respeitarmos, os inimigos jamais nos respeitarão.

■ **11** | Naquilo que é o mais decisivo na prática revolucionária, na intervenção direta nas lutas de classe, é que nos será cobrado de forma objetiva se somos ou não marxistas, se estamos realmente empenhados em fazer presentes a filosofia, o método, o programa, a estratégia e a tática marxistas. São duas hoje as

correntes políticas principais que, de uma maneira ou outra, se dizem marxistas sem na realidade o serem: o reformismo e o trotskismo. Para elas, bom mesmo é o capitalismo, que o marxismo, o socialismo e o comunismo são inviabilidades históricas. No limite, descartam a própria hipótese da felicidade. A opção, asseguram, é chafurdar na lama do hedonismo.

Embora tenham de há muito abjurado a proposta marxista da ruptura revolucionária enquanto ato de instalação do socialismo, este como estado-sociedade construtor do comunismo, reformistas de diversos matizes insistem em se dizer marxistas. Em primeiro lugar, é preciso assinalar que abrir mão da revolução enquanto ato é romper com o método do materialismo dialético – e, no caso, histórico – tipificadores dos pressupostos fundamentais da filosofia marxista. O papa fundador da teoria reformista, Édouard Bernstein, defendeu com todas as letras que o desenvolvimento do capitalismo à sua época (final do século XIX) descartara a necessidade da ruptura revolucionária como caminho para o socialismo. A história o desmentiu, mas, pelo menos, ele foi claro e congruente com suas próprias falsas premissas. (Seu principal livro traz ‘As premissas do socialismo’ no título). O grave é que hoje há quem despreze com solenidade estes mesmos princípios do materialismo dialético – e mesmo a letra dos textos de Marx – e se declare marxista. Como é o caso de uma certa corrente “neogramsciana”, tendo um de seus destacados professores no Brasil afirmado altivamente que “a democracia é um valor universal” em um ensaio de ampla repercussão. Ora, um conhecimento apenas elementar da teoria revolucionária de Marx e Engels já seria suficiente para se saber com segurança que não existem valores

universais para o marxismo. Que a democracia é um ‘valor’ político-histórico burguês. Para que servem afirmações desse tipo senão para instrumentalizar ações de conciliação de classe com a burguesia? Para tentar estruturar a atividade política do proletariado no interior dos espaços institucionais da democracia? Para tentar domesticar o proletariado e fazê-lo mais e mais subserviente à lógica da dominação burguesa? Sintetiza o marxista norueguês Goran Therborn que os comunistas podem sob certas circunstâncias ir ao parlamento e ao executivo burgueses para de lá tirarem o proletariado, havendo condições objetivas e subjetivas para isso. Os reformistas vão ao parlamento e ao executivo burgueses para levar o proletariado para lá. A burguesia agradece.

■ **12** | Navegando pela margem esquerda, o trotskismo acaba desaguando no mesmo mar cinzento de negação de princípios e métodos marxistas que os reformistas. Que se enfatize logo que o trotskismo, ao manter a proposta da ruptura revolucionária como condição de passagem ao socialismo, se diferenciaria qualitativamente do reformismo. A adoção, contudo, de uma filosofia mecanicista da história remete o trotskismo para a seara do antimarxismo, resultando sua prática em uma mistura de messianismo, voluntarismo e pragmatismo, que leva suas diversas facções a composições táticas com o reformismo e mesmo diretamente com a burguesia. Conhecido entre as correntes trotskistas o recurso de condenarem umas às outras à base das acusações de interpretações equivocadas do pensamento de Trotsky. De fato, o interpretacionismo tem causado muitos males ao movimento do proletariado. O mais seguro, então, será

recorreremos à pena de Trotsky, ao que foi dito e escrito pelo próprio criador da Quarta Internacional. E se encontra no documento fundador do trotskismo, o “Programa de Transição”, de 1938, da lavra do próprio Leon Trotsky, claramente expostos e defendidos os dois princípios originais que acabam por situar o trotskismo no campo do antimarxismo. São eles: a ideia de que o capitalismo teria então ingressado em uma “crise final” ininterrupta e, em segundo lugar e congruente com a primeira, a concepção da “revolução permanente”. Está lá, literalmente. É só ler. Sintetizando, Trotsky viu na conjuntura de crise aguda do capitalismo que precedeu a II Guerra Mundial a “agonia mortal do capitalismo”, uma crise histórica, sem saída e sem retorno. Marx nada tem a ver com este tão acrobático quanto metafísico raciocínio. Afirmo Trotsky: “As forças produtivas da humanidade deixaram de crescer. As novas invenções e os novos progressos técnicos já não conduzem a um crescimento da riqueza material”. Assim, como estariam já irreversível e historicamente dadas permanentemente as condições objetivas da revolução, todas as reivindicações ‘transitórias’ alinhadas por Trotsky seriam revolucionárias, desde as reivindicações salariais do proletariado até as palavras de ordem democráticas nos países subdesenvolvidos. Diz Trotsky: “Nenhuma das reivindicações transitórias pode ser completamente realizada com a manutenção do regime burguês. Nessa luta, as palavras de ordem democráticas, as reivindicações transitórias e as tarefas da revolução socialista não estão separadas em épocas históricas distintas, mas decorrem umas das outras.” Ora, não existe nas formulações de Marx/Engels nada, absolutamente nada, que nos autorize enquanto marxistas a falar em algo

como crise final do capitalismo. Tanto no Prefácio da *Introdução à Crítica da Economia Política* quanto no próprio *O Capital* – obras em que Marx trata mais profundamente do tema –, ele é explícito e peremptório em dizer: a) Não ocorrendo uma revolução proletária na crise do capital, este capital se revigora e se recupera no espaço histórico-econômico da contratendência à queda da taxa de lucro, com a reconstrução dos meios de produção e o aprofundamento, direto ou indireto, da exploração do proletariado; b) De tempos em tempos, o capitalismo entra em crises profundas, cabendo aos “homens” (termo usado por Marx significando forças políticas organizadas) a solução desta crise. Na realidade, a ideia da crise final do capitalismo retira, se levada à sua consequência última, o próprio lugar da luta revolucionária comunista e o papel do partido revolucionário comunista. Mas a história, inclusive a história do capitalismo, é a história das lutas de classe. Esta teleologia mecanicista de que o capitalismo teria entrado em uma crise sem volta joga por terra (ou tenta jogar, melhor dizendo) o próprio princípio metodológico da práxis revolucionária. Daí, inclusive, a tentativa das diversas correntes trotskistas atuais de tentarem transformar os sindicatos em partidos revolucionários, contribuindo para esvaziar esses sindicatos. No seu ‘Programa’, Trotsky apenas ressalva que o sindicato não pode cumprir “todas” as tarefas revolucionárias.

■ **13** | A segunda questão, decorrente da primeira como dissemos, é a consideração de que, com a alegação trotskista da derrocada final do capitalismo já em 1938, estaríamos vivendo a era da “Revolução Permanente”, em que estariam dadas permanente-

mente as condições objetivas da revolução proletária. Afirma Trotsky: “As premissas objetivas necessárias para a revolução proletária não estão somente maduras: elas começam a apodrecer. ... A situação política mundial no seu conjunto caracteriza-se, antes de mais nada, pela crise histórica de direção do proletariado.” Destaque-se que nesta formulação Trotsky alude a que esta seria a última crise do capitalismo, sem possibilidade histórica de recuperação. A história provou o contrário. Nesta ideia, joga-se fora a categoria marxista – tão destacada por Lênin – da conjuntura. Joga-se fora, inclusive, a necessidade da construção do partido revolucionário proposto por Lênin enquanto tarefa específica, já que o partido leninista intervém nas lutas de classe a partir da análise da conjuntura dessas lutas. Se não tem conjuntura, o partido não tem razão de existir, transformando-se inevitavelmente em seita messiânica. Não por acaso, em qualquer conjuntura o trotskismo quer fazer dos sindicatos partidos revolucionários, o que acaba afastando os trabalhadores do movimento sindical. Resta destacar que se todas as conjunturas forem revolucionárias, como quer o trotskismo, não há razão sequer para se conceituar conjuntura e, de posse deste conceito, identificar uma conjuntura concreta. Determina a lei dialética da identidade dos contrários que algo só existe diante do seu oposto dialético. Uma conjuntura revolucionária só existe ontologicamente porque existem conjunturas não-revolucionárias. Para o trotskismo não existem, portanto, conjunturas.

■ **14** | São duas, igualmente, as mais graves consequências práticas desta concepção idealista de ‘revolução permanente’: a)

Suposição de que a revolução só não ocorre por artes e malefícios da vanguarda. Isto gera inevitavelmente uma postura voluntarista que, vendo a ‘revolução mundial’ em cada esquina, leva a maioria dos agrupamentos trotskistas a tentarem empurrar o movimento real dos trabalhadores e aliados para além das possibilidades reais deste movimento – o que causa derrotas, desgastes e desmoralização. b) De outro lado, vendo em cada divergência inter-burguesa sinais deste suposto desabamento do sistema capitalista, o trotskismo se vê levado a alianças e ações que supostamente agravariam tal hecatombe – e aí entram as táticas das ‘liberdades democráticas’, constituintes e a elevação artificial das reivindicações secundárias e condicionadas pela contradição maior capital x trabalho (combate ao racismo e à homofobia, por exemplo) à falsa condição de palavras-de-ordem estruturantes de uma estratégia revolucionária e, asseguram os trotskistas, incompatíveis com a existência do capitalismo. Em suma, messianismo, voluntarismo, diluição e secundarizarão dos interesses próprios do proletariado. Marx, Engels e Lênin combateram duramente tudo isto, como pode ser observado já desde o *Manifesto*, como na citação acima.

■ **15** | Se aqui destacamos o trotskismo e o reformismo como expressões do antimarxismo, é porque estas duas correntes de pensamento e ação são majoritárias no campo da esquerda. As outras correntes que se pretendem tributárias do marxismo, como o luxemburguismo, o maoísmo e o foquismo, perdem progressivamente posições no cenário mundial das lutas de classes. A grande verdade é que o marxismo não precisa de ‘atualizações’ nem de ‘interpretações’. Pelo contrário, mui-

tíssimo pelo contrário, tais iniciativas pseudoatualizadoras na realidade se mostraram historicamente deturpadoras do marxismo, antimarxistas. E por uma razão relativamente simples, visível a olho nu para quem queira ver: o que há de estruturante, ortodoxo e tipificador do marxismo se encontra nos campos gerais da teoria política, filosofia, da história, do método. Mas todos estes ‘ismos’, tendo surgido e tomado corpo em resposta a conjunturas e momentos específicos – em patamar ontológico, portanto qualitativamente diferente do patamar histórico, em que se instala essencialmente o marxismo –, acabaram atribuindo a si próprios a dimensão geral (histórica, filosófica e metodológica) do marxismo de maneira indevida teórica e politicamente. Na prática, mesmo que não queiram de maneira explícita, apresentam-se como substitutos rebaixados do marxismo. E de fato o são, mas como sistemas contrários ao marxismo, à esquerda e à direita. Que não se confundam tais “atualizações” com a contribuição qualitativa de Lênin, já que Lênin, ao propor o partido revolucionário como agente histórico, situa esta sua contribuição naquele nível histórico geral estruturante em que se situa o marxismo. E, ao contrário do trotskismo, no interior da filosofia da história formulada por Marx. Daí ser justo e indispensável falar em marxismo leninismo.

■ **16** | Com o advento do neoliberalismo e, no nível ideológico, do pós-modernismo, emergem tempos de “misticismo e pornografia” na sociedade do capital em geral e, especificamente, no interior do movimento dos trabalhadores. Qual alma penada, velhas ideias anarquistas, historicamente superadas pelo desenvolvimento das forças produtivas e das próprias lutas de

classes, expressam em assobios lúgubres a crise existencial de segmentos de uma pequena burguesia rebelde e sem causa outra que seu individualismo de classe. Apenas muito recentemente, e em ambientes fechados, a direção do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) tem afirmado que este movimento não mais se articulava pela reforma agrária e pela criação de minifúndios (privados, é claro) como solução do processo de miserabilização que historicamente tem vitimado o trabalhador rural no país. Em linguagem confusa, mas marcadamente reformista, este movimento fala em mudanças estruturais no capitalismo brasileiro como um todo e em cada um de seus segmentos. Menos ruim. Mas de toda forma a trajetória do MST se empenhou em uma cruzada anticomunista, reformista, essencialmente antimarxista, como inúmeras vezes alardeada por sua propaganda. Os marxistas não podemos admitir que a qualquer pretexto quem quer que seja – Via Campesina, Consulta Popular ou MST –, principalmente os que se pretendem à esquerda, veiculem propaganda anticomunista. Trata-se da luta ideológica, urgentemente a ser retomada como condição da criação futura de um verdadeiro partido marxista no Brasil ou onde quer que seja.

■ **17** | A retomada do ser marxista como um modo de ser no mundo assume múltiplas dimensões na proporção mesma da multiplicidade da sociabilidade contemporânea, esta por sua vez expressão de um desenvolvimento histórico dado, concreto, objetivo – herdado de gerações anteriores, para usar a terminologia fixada por Marx. É sobre tal concreticidade que se faz absolutamente indispensável firmar a identidade ontoló-

gica entre marxismo e comunismo científico, já que esta mesma história contemplou, como vimos, o amplo sucesso da burguesia em macular a palavra comunismo, como no caso mais agudo de partidos políticos que, confortavelmente embarcados na nave da burguesia, mantêm a palavra comunista em suas denominações – como o PCdoB, para ficarmos em um exemplo caseiro. Ser comunista, portanto, é ser marxista, tomada a letra da ortodoxia do materialismo histórico e dialético como ponto de partida e de chegada. Lançadas as ‘interpretações’ e ‘atualizações’ deturpadoras da ortodoxia à lata do lixo. Em sua dimensão especificamente política, ser marxista significa o compromisso prático com as lutas e os interesses do proletariado. Não nos enganemos com as alegações dos alquimistas da academia burguesa de que “*o conceito de proletariado precisa ser revisto, atualizado, já não estamos no tempo do chão da fábrica em que Marx formulou sua teoria*”. São muitas as grosseiras bobagens desta natureza, todas elas na tentativa de desqualificar o agente político-histórico da revolução socialista tomada como passagem histórica ao comunismo. Sequer têm conhecimento esses vassalos da burguesia do conceito de proletariado originalmente formulado por Marx. Aliás, podem até ter alguma noção vaga do conceito, mas fingem não ter notícia dele. É mais cômodo para suas medíocres carreiras acadêmicas. Enquanto houver burguesia haverá proletariado, e este não se compõe apenas do conjunto de homens e mulheres plantados no ‘chão da fábrica’, mas compreende todos aqueles direta ou indiretamente, real ou potencialmente, explorados pela burguesia. Na precisa forma literária do escritor mexicano Mariano Azuela, “Los de Abajo”.

É possível sim – e necessário – ser marxista na academia, desde que se assuma a necessária intransigência contra os agentes da burguesia instalados em sinecuras e reitorias, cátedras, departamentos e gabinetes, não mais que encarregados, de forma direta ou indireta, de combater o marxismo/comunismo. Não existe imparcialidade na academia, como querem os weberianos que povoam os corredores universitários pelo mundo afora. Exagero? Não, basta que se atente à elementar realidade de que a contradição fundamental de nosso tempo é aquela entre burguesia e proletariado. E a pequena burguesia abrigada na academia, como diz o nome, é parte da burguesia. Ou se está do lado da burguesia ou do proletariado, da revolução ou da conservação, em qualquer conjuntura.

■ **18** | Mas não basta apoiar a revolução para ser marxista. O marxista pauta sua militância e sua vida em uma perspectiva histórica, não apenas imediatamente política. O fazer política, ou seja, lutar no campo concreto da destruição do estado burguês e da instalação revolucionária do estado proletário, sem dúvida a expressão mais concreta e aguda do ser marxista na atualidade. Como bem destaca o filósofo italiano Luciano Canfora em sua *Crítica da Retórica Democrática*, a história das revoluções socialistas tem provado que o proletariado, mesmo tendo desempenhado o papel de agente revolucionário, sempre recua para seu cotidiano cinzento, já que a tomada do poder apenas inicia uma longa jornada de superação do trabalho alienado. O marxista, ao contrário, se instala na história, não em conjunturas. Daí, inclusive, o lugar e o papel do partido revolucionário marxista do proletariado.

■ **19** | Tem igualmente o marxista uma relação superior com a estética, com a fruição artística. O que é artístico? Não, não é o que é “útil à revolução”, como supõem mecanicamente até mesmo reflexões pretensamente marxistas. A violência não apenas é útil, mas absolutamente necessária à revolução, tipificadora da revolução. Mas não é bela. Engels deixou isso linearmente claro em seu *Anti-Duhring*. O artístico é tudo aquilo que amplia a humanidade dos homens na linha da gratificação estética, na fruição espiritual. E esta ampliação da nossa humanidade deve ser buscada, como o fez Marx, no horizonte ético do Renascimento. Este horizonte é que instala a era – ainda não superada, sequer no campo da especulação filosófica – da fraternidade, do amor, da igualdade, da felicidade na Terra.

■ **20** | Para o advento deste tempo, para sua concretização, é preciso lutar. À luta, pois.

II - Dez pontos fundamentais de um programa marxista

São os seguintes os dez pontos de programa considerados fundamentais pelo **Movimento Marxista 5 de Maio (MM5)**, em torno dos quais seus membros se coesionam e pelos quais pautam sua intervenção nas lutas de classes.

1 • A base metodológico-filosófica do MM5 é o materialismo dialético e histórico nos termos formulados por Marx e Engels.

2 • O objetivo final pelo qual lutam os membros do MM5 é a instalação da sociedade libertária comunista.

3 • O MM5 adota a tese marxista de que entre a sociedade capitalista atual e a sociedade comunista o proletariado necessita instalar uma sociedade socialista governada diretamente pelo proletariado e para o proletariado através de conselhos locais, regionais e nacional compostos por trabalhadores livre e diretamente eleitos pelos trabalhadores.

4 • O MM5 toma como princípio a proposta marxista de que esta sociedade socialista só poderá ser instalada a partir de uma revolução do proletariado, que, como ato inicial insurrecional, destrua o aparato estatal burguês, democrático ou ditatorial, e em seu lugar erga simultaneamente o estado proletário acima referido. Nosso marco estratégico, portanto, é a insurreição proletária.

5 • O MM5 afirma, como explicitado por Marx, que o capitalismo se move em ciclos de estabilidade, avanço e crise e que, portanto, esta revolução só poderá ocorrer em situações conjunturais de aguda crise revolucionária, descartada assim a ideia antimarxista de uma ‘revolução permanente’. Nas palavras de Lênin, uma revolução só pode ocorrer quando os de cima não podem e os de baixo não querem viver como antigamente.

6 • O MM5 critica como burguesa a tese de que a democracia seria um ‘valor universal’. De fato, consideramos a democracia um valor político tipicamente burguês.

7 • O MM5 considera que a participação nas instituições políticas burguesas (parlamento e executivo) só se justifica quando

se puder fazer um uso revolucionário real e consequente, de forma direta e aberta, daquelas instituições.

8 • O MM5 coloca como tarefa política imediata da tomada do poder pelo proletariado a estatização da grande propriedade – urbana e rural, de produção e de serviços. A extinção da pequena propriedade e da diferença entre trabalho manual e intelectual é a tarefa histórica central do socialismo marxista, a ser progressivamente cumprida de acordo com as possibilidades concretas econômicas e políticas.

9 • O MM5 se solidariza com todos os movimentos revolucionários e libertários do proletariado mundial, mas qualifica como idealista a proposta de uma revolução mundial simultânea. Adota, por isso, a tese leninista da viabilidade do socialismo em um só país.

10 • O MM5 descarta, como reacionária e traidora, qualquer aliança com a burguesia e faz da independência do proletariado sua principal bandeira de luta.

Junho de 2022